

Notas de viagem [Grand-Tour]

Karina Dias¹

Em volta do alfinete

A partir do convite para realizar uma curadoria com artistas da cidade para uma exposição na Alfinete Galeria², propus para um grupo de oito artistas³ que fizéssemos uma residência na Galeria, cujas dimensões diminutas seduzem porque nos convocam a pensar esse espaço e o que dele se desenha. Decidimos então, realizar um Grand-tour⁴ em volta da/o Alfinete, esse espaço tão familiar para todos nós. Assim, munidos da noção de que a viagem expande a compreensão que temos dos lugares porque desperta o desejo por percepções inusitadas, o desejo de ver sempre um pouco mais que ontem, de compreender que no mundo se aprende porque estamos próximos de uma realidade que se faz sentir, nos juntamos para pensar como seria possível manter esse espírito viajante no cotidiano mais absoluto, aquele que entorpece porque se repete dia após dia, que anestesia porque não vemos mais os espaços que nos envolvem. Seria então, como colocar-se na pele de um viajante cujas paisagens não seriam àquelas de um país distante, mas adviriam da cidade habitada, do bairro explorado, da rua percorrida. Seríamos como um viajante/*flâneur*⁵, aquele que passeia pelas ruas, munido de um olhar alerta e atento aos detalhes, cuja vocação estaria em olhar a sua cidade, concebendo assim, um mundo a partir do que vê. Uma cidade-mundo que estaria lá, disponível a esse viajante e que tomaria forma a partir do banal que se olha. Nesse sentido, seria possível reconfigurar o espaço de sempre, aticar o nosso desejo de ver, fazer do deslocamento no cotidiano, a ocasião para experimentar a sua paisagem, como se a descobríssemos pela primeira vez?

Desejosos de novas perspectivas, nós, os artistas-viajantes deste cotidiano, teríamos a disponibilidade e vocação de nos deixarmos levar pelo próprio destino extra-ordinário? Na vontade de ancorar o corpo no percurso, de entrelaçá-lo ao itinerário escolhido, fomos motivados por um desejo intenso de estar naquele lugar que, a partir do momento em que aceitamos o convite para tal empreitada, seria a nossa paragem. A Alfinete Galeria se tornou, desde então, o nosso porto: de lá saíamos para ver e para lá retornávamos, pois era preciso conquistar também a invisibilidade do ponto de vista

1 - Artista plástica e professora ajunta II do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, atuando na graduação e pós-graduação na linha de pesquisa Poéticas Contemporâneas. Possui Pós-Doutorado em Poéticas Contemporâneas (UnB), Doutorado em Artes pela Université Paris I – Panthéon Sorbonne. email: karinadias.net@gmail.com. É autora do livro Entre visão e invisão: Paisagem [por uma experiência da paisagem no cotidiano], editado pelo Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília. Coordena o grupo de pesquisa Vaga-mundo: poéticas nômades (CNPq).

2 - A Alfinete Galeria abriu suas portas em 2013 e é dirigida por Dalton Camargos. Esse espaço se tornou, em pouco tempo, referência para os artistas e habitantes da cidade. Tem a peculiaridade de possuir dimensões reduzidas. Hoje conta com duas salas de exposição, mas em breve o espaço se expandirá. No momento de nossa residência, a Galeria contava com um espaço expositivo.

3 - Dentre os artistas estão Nina Orthof, Júlia Milward, Iris Helena, Gabriel Menezes, Luciana Paiva, Ludmilla Alves e Tatiana Terra que fazem parte do Grupo de Pesquisa Vaga-mundo: Poéticas-nômades (CNPq), coordenado pela autora, Profa. Dra. Karina Dias. Nessa residência/exposição da Alfinete atuei como artista também uma vez que, a partir do processo de residência as fronteiras entre ser curadora e artista se embaçaram.

4 - Grand-Tour era o nome dado a uma viagem educativa que floresceu nos anos de 1600 e se consolidou nos anos de 1800, cujo objetivo era a formação cultural de jovens aristocráticos, em princípio ingleses, que deveriam ir ao encontro de uma cultura dita clássica. O itinerário incluía a França (Paris) e a Itália (Roma, Veneza, Florença e Nápoles) e poderia se estender por meses ou até anos. Uma viagem em que se almejavam paisagens sublimes e pitorescas, exaltava-se o gosto pela arte e arquitetura e o culto da ruína.

5 - Para Baudelaire, o *flâneur* é aquele que anda pela cidade, vendo tudo ao mesmo tempo, solitário e em meio à multidão, com desenvoltura e precisão. Aquele que passeia, desenvolve um olhar atento e alerta como o de um detetive, ao mesmo tempo em que reconhece a efemeridade das circunstâncias. Figura central para compreender a Modernidade evocada por Baudelaire que será retomada posteriormente por Walter Benjamin.



(MALDONATO: 2004: 35). Certamente, essa experiência celebra um algures distinto dos viajantes do clássico Grand-Tour porque se origina de uma proximidade extrema a um lugar para, daí, criar as suas distâncias, (re)inventar medidas, redesenhar a sua extensão.

As relações de distâncias e estranhamentos vividas, por qualquer viajante em qualquer lugar, foram experimentadas a partir de coordenadas bem precisas, àquelas que se desenharam a partir dessa pequena galeria situada na extremidade da Asa Norte em Brasília. Nosso Grand-Tour estava traçado, durante três meses escrutamos cada detalhe daquele perímetro, observamos o movimento das pessoas, dos carros, anotamos o que vimos e ouvimos, fotografamos, filmamos, frequentamos padarias, cafés, lanchonetes, nos embrenhamos em uma trilha urbana sem fim.

A viagem, a paisagem

Durante três meses nos encontramos no mesmo lugar para (re)pensarmos as distâncias percorridas, as inúmeras voltas dadas entorno do mesmo espaço. Cada encontro se transformou em distintas formas de se narrar uma viagem que nos colocava diante de um estranho paradoxo: o extremamente próximo é um vasto mundo. A proximidade pode se transformar no longínquo que chama, no horizonte que incita o movimento, que aponta que todo lugar possui espessuras variáveis.

Se, como nos lembra Gilles Tiberghien (1998: 196), toda viagem é antes uma narrativa; que nem mesmo faz sentido senão através da narrativa que ela é, nosso Grand-Tour nos levou a conceber coletivamente rotas que nos trouxeram de volta aos espaços conhecidos porque escrutamos o que nossos olhos não viam, entrevemos ali, onde aparentemente já não havia mais nada a se ver, uma imensidão. Imensidão, essa, desenhada coletivamente, sem autoria específica porque concebida em grupo.

Criar coletivamente um pensamento-paisagem (COLLOT: 2011) solicita muitos pontos cardeais, uma rosa dos ventos que dê conta, a um só tempo, de muitos vocábulos, de muitos lugares e de nenhum lugar. Nesse movimento, toda imagem fabrica distâncias, sinaliza os confins de um mundo que só conhecemos de passagem. Emerge dessa relação uma paisagem no/do cotidiano que se forja na junção de certa maneira de olhar e dos caminhos percorridos. Uma paisagem que é mais do que um simples ponto de vista óptico. Ela é ponto de vista e ponto de contato, pois, nos aproxima distintamente do espaço, porque cria um elo singular, nos entrelaçando aos lugares que nos interpelam. Nessa experiência sensível do espaço, criamos lugares, ganhamos terreno (HOCQUARD: 1997: 11).

Praticar o espaço-caseiro à maneira de um viajante seria como abrir passagens lá onde não esperamos, fixando a nossa atenção para além dos contornos, tantas vezes, experimentados, rompendo sempre as fronteiras do certo, do preciso, do dominado e do seguro. Desejar o estranho no familiar para (des)conhecê-lo... engajar-se como um des-locado, um extra-ordinário... um nômade que ainda guarda o sentido da viagem – o desejo do movimento que nos conduz a descobrir sempre novos pontos de vista, novos percursos para obter perspectivas singulares de nosso entorno.

Em vez de designar o sentido da viagem apenas como uma mudança de localização e de espaço, ela é aqui pensada como uma *situ-ação* que engaja outro tempo, esse não tributário da rotina. Uma abertura na qual se alojaria a nossa experiência sensível do espaço e comporia uma *situação-em-paisagem*.

A experiência dessa paisagem seria então um (re)ordenamento espacial que despertaria nossos sentidos, a abertura onde se instalaria o tempo da contemplação, o tempo de um certo ponto de vista. Uma espécie de esparecimento temporal que nos (re)situaria distintamente em nosso espaço. Essa “mudança de ares” adviria da tomada de distância necessária para que o espaço da rotina se torne um *espaço-em-paisagem*. Dar espaço ao espaço, dar tempo para que o espaço apareça e revele outros elos, novas alianças que nos trariam de volta a este lugar porque deles nos afastamos.



Nessa geopoética⁶, o espaço acolhe um pensamento viandante, atento aos detalhes que compõem o espaço percorrido, às fenomenologias que tomam o partido das coisas⁷ que nos incitam a tecer novas coordenadas, inusitadas correlações, audaciosas geografias. Encontrar na rotina outro ritmo do/no mundo, uma cadência que nos embala em seu movimento, porque intensifica a nossa capacidade acolher os pormenores que compõem os espaços que nos circundam.

A um só tempo, habitar esse singular longínquo, ter a capacidade de se sentir em casa algures e, quando em casa, e de sentir alhures. Essa postura do viajante engaja nossa atenção nos itinerários, enraizando-nos a eles. Ter um olhar-viajante é então encontrar a intimidade na distância e a distância na intimidade, tomar posse dos contornos sem, portanto, se deixar domesticar por eles, constatar que a extensão que nos circunda pode ser fabulosa.

Para conceber, então, o que chamamos de uma exposição-obra, a partir de um Grand-Tour realizado em volta de uma galeria-alfinete, o compartilhamento de ideias foi fundamental, como também foi, a vivência do sentido de hospitalidade. De uma hospitalidade que só pode ser um ato poético (DERRIDA: 2003) porque estar-junto, é estar-em-poeta, vislumbrando o poético que anima os espaços e as relações. Nesta partilha sensível, acolher o outro que sempre esteve é transformá-lo no companheiro de viagem, no amigo que dividirá uma existência (AGAMBEN: 2010). Rendendo-se à sua diferença, abrindo espaço para uma cartografia compartilhada, para um mapa do diverso cujas linhas se fazem entre semelhanças e alteridades, diferenças inevitáveis e aproximações imprescindíveis.

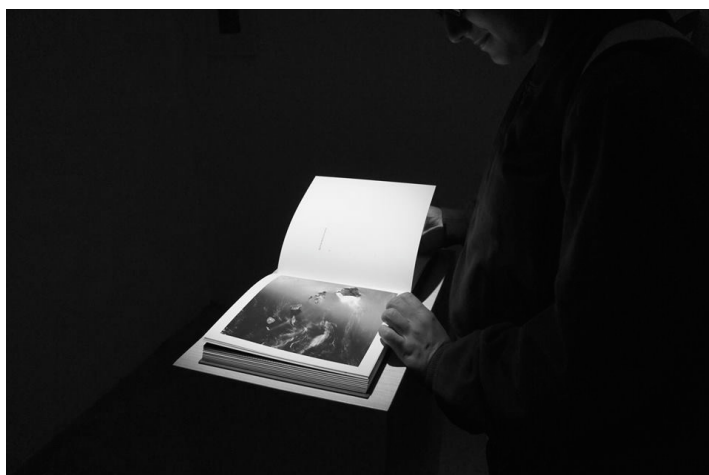
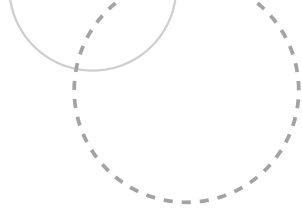
Como então organizar, dar forma, ao que foi vivido? Trazer para a galeria o espaço que a avizinha? Com quantos relatos se (re)faz uma viagem? De que forma produzir lembranças, inventar vestígios? Que suportes seriam capazes de armazenar o horizonte, de condensar o mundo cotidiano, de sustentar a sua arquitetura, de preservar o seu movimento?

Como grupo dividimos funções, decidimos, apagamos, cedemos, insistimos em nossas ideias, recriamos, inventamos coordenadas, criamos relevos, laboriosas altitudes, (im)possíveis latitudes, intensas longitudes, vivemos o tempo do processo, do laborioso processo poético que vai ditando o que é sobra e o que inevitavelmente não pode faltar... e que se sustente, uma coisinha de nada, mas com estilo(PONGE: 1997: 27). Nesse exercício intenso de escuta, criamos uma exposição-obra onde não havia trabalhos individuais, mas um trabalho coletivo, uma geografia poética, sem assinatura e com todas as assinaturas, sem um curador único, mas com um grupo de artistas-curadores que aceitaram o convite para esse inusitado Grand-Tour.

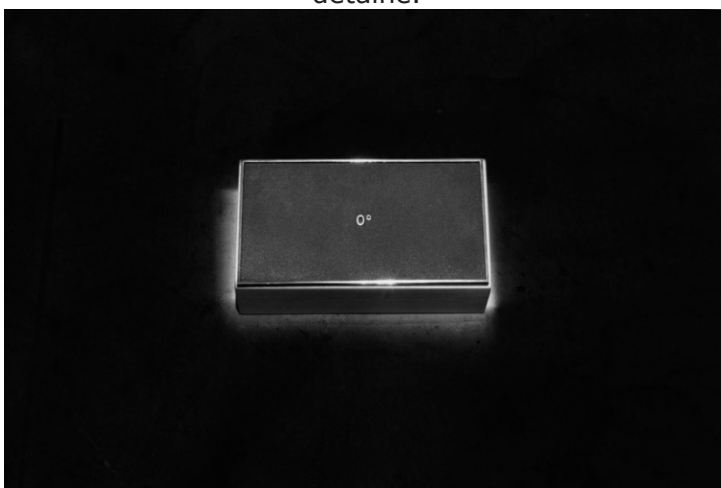
Para Michel Onfray (2007: 53) de uma viagem só deveriam restar três ou quatro sinais, cinco ou seis, não mais que isso. Na verdade, não mais que os pontos cardeais necessários à orientação. Uma quintessência da viagem que convoca porque invoca um alhures vivido. No nosso caso: um livro, um marco zero, um horizonte, uma página-paisagem e uma foto avulsa. Nada mais.

6 - Ver, entre outros, Michel Déguay para quem a geopoética é a reunião da beleza da terra. DEGUY, Michel. *Reabertura após obras*. . Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

7 - Em referência a Francis Ponge.



Autoria coletiva, página do livro Grand-Tour exposto na Galeria Alfinete em Brasília, 2014., detalhe.



Autoria coletiva, placa marco-zero do Grand-Tour exposta na Galeria Alfinete em Brasília, 2014.



Autoria coletiva, horizonte do Grand-Tour exposto na Galeria Alfinete em Brasília, 2014, detalhe.



Autoria coletiva, vista aérea do Grand-Tour exposta na Galeria Alfinete em Brasília, 2014.

Anotações finais

O que era um convite para a realização de uma curadoria em que a autora selecionaria os artistas e suas obras, se transformou em um convite à viagem para que juntos, nove artistas, pensassem coletiva e poeticamente o espaço que envolvia a Alfinete Galeria em Brasília. Desenhava-se ali o nosso horizonte. Se o horizonte é uma incitação à viagem (CAUQUELIN: 2011) é porque ele também é uma quimera. Assim, munidos do desejo de entrever nesse espaço aquilo que escapa do seu contorno diário, fomos direcionando o nosso olhar para o que dali se desdobrava. Quanto mais ancorados estávamos nesse espaço mais longínquo ele ficava, mais distantes permanecíamos de seu esquadramento ordinário.

Pensar coletivamente demanda escuta, saber que não se está só porque a todo tempo somos muitos a querer dizer o mundo vivido. Mas antes de dizer é preciso ver e aqui a visão se fez interrogação individual e coletiva porque era preciso encontrar uma destinação que aliasse esse pensamento-viandante, seu movimento, e a poética que dele emanava. Todo pensamento-viajante solicita compor uma paisagem, um pensamento-paisagem (COLLOT,2011), uma poética dos lugares, uma poética da viagem.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2010.
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra. Seis ensaios sobre paisagem e geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro, 2011a.
- CAMUS, Albert. *Esperança do mundo – Cadernos (1935-37)*. São Paulo: Hedra, 2014, p.30.
- COLLOT, Michel. *L'horizon fabuleux, I, XIX siècle*. Paris: Librairie José Corti, 1988, p.17.
- _____. *La pensée-paysage*. Actes Sud/ENSP, 2011.
- DERRIDA, Jacques. *Da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)*. Brasília: Programa de Pós-graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Voyage em Italie*. Paris: Bartillat, 2003, p.153 e 155.
- HOCQUARD, Emmanuel. *Taches Blanches in Le Gam*, 1997, p.11.

#15.ART

Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
International Meeting of Art and Technology

- JACCOTTET, Philippe, *Paysages avec figures absentes*, Paris/ Gallimard, 197, p.96.
KESSLER, Mathieu, *Le paysage et son ombre*, Paris, PUF, 1999, p.24.
MALDONATO, Mauro. *Raízes errantes*. São Paulo: Ed. 34, 2004, p.35.
ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem – poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM editores, 2009, p.39, 53, 75, 89.
PONGE, Francis. *My creative Method in Métodos*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.27.
TIBERGHIEU, Gilles. (...) in *Revista USP*, n. 77 195-1999, março/maio 2008.

ISSN 2238-0272

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). *Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia*
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016